

**A ESTRATIFICAÇÃO DO SUBJUNTIVO
UM PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO
NO PORTUGUÊS POPULAR
DA CIDADE DE VITÓRIA DA CONQUISTA (BA)**

Vânia Raquel Santos Amorim (UESB)

quelva@hotmail.com

Valéria Viana Sousa (UESB)

valeriavianasousa@gmail.com

Jorge Augusto Alves da Silva (UESB)

adavgvstvm@gmail.com

RESUMO

No presente trabalho, buscamos investigar a alternância entre os modos indicativo e subjuntivo em orações completivas introduzidas pelo *complementizador que* no Português falado em Vitória da Conquista (BA). Teoricamente, a pesquisa está baseada nos pressupostos do sociofuncionalismo, tomando como referência, sobretudo, os teóricos Givón (2001, 2011); Hopper (1991); Labov (2008) e Weinreich, Labov e Herzog (2006). Com relação à análise desse fenômeno linguístico em situações de uso, os dados empíricos utilizados pertencem ao *Corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista e foram submetidos ao sistema analítico GoldVarb. No estudo quantitativo, do ponto de vista dos fatores linguísticos, o uso do subjuntivo foi favorecido através do valor semântico do verbo da oração matriz associado à modalidade deôntica (*irrealis*) e pela presença das orações afirmativas (estrutura da assertividade da oração). Em relação aos fatores extralinguísticos, os dados revelam que a variante mais prestigiada se concentra na fala do gênero/sexo feminino. Também, nossa pesquisa evidencia que o nível de escolaridade, ainda que precário, exerce influência no uso do subjuntivo. Concernente ao resultando da variável faixa etária, a forma de prestígio se concentrou na faixa intermediária (adultos) e a forma estigmatizada foi mais usada pelos jovens e idosos. O resultado dessa pesquisa, do ponto de vista sociolinguístico, sinaliza uma variação estável e, do ponto de vista funcionalista, encontra respaldo no processo de gramaticalização.

Palavras-chave: Subjuntivo. Estratificação. Variação. Gramaticalização.

1. Introdução

É consensual, nas teorias linguísticas, a compreensão de que as línguas estão em constante variação e mudança e, assim, que certos fenômenos linguísticos não são previstos, não podem ser controlados e, na maioria das vezes, explicados pelas regras categóricas da tradição gramatical que tem sua centralidade, sobretudo, nos clássicos moldes da escrita.

Seguindo outro caminho, este trabalho é direcionado pela visão de

que a língua é dinâmica e a gramática é moldada a partir das necessidades de comunicação e suscetível a constantes mudanças devidas às presenças de uso pelos falantes.

Cientes de que a variação/mudança no sistema linguístico não é um processo engessado, mas tem relação com as estratégias comunicativas buscadas pelos usuários nos diversos contextos de uso, buscamos compreender quais as forças linguísticas e extralinguísticas da língua motivam os falantes à variação do modo subjuntivo. Sendo este o nosso objeto de estudo, propomo-nos a investigar indícios de variação desse modo verbal no português falado da comunidade conquistense.

Os dados para a pesquisa são compostos por uma amostra de 24 informantes extraídos do *Corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista (*Corpus* PPVC). Tomando como referência, sobretudo, os teóricos Givón (1990, 2001, 2011); Labov (2008); Weinreich, Labov e Herzog (2006) e gramáticas normativas, o presente trabalho compõe-se de sete seções, a saber: nesta seção 1, fazemos um panorama do trabalho a ser desenvolvido (objeto de estudo, objetivo, metodologia, *corpus*, referencial teórico); na seção 2, abordamos as categorias modo verbal e modalidade (na qual evidenciamos os submodos epistêmico e deôntico); na seção 3, tratamos da interface entre as teorias da sociolinguística e do funcionalismo denominada de sociofuncionalismo; na seção 4, dedicamos aos procedimentos metodológicos desenvolvidos no trabalho; na seção 5, tratamos das discussões dos resultados da pesquisa, a seção 6 é reservada às considerações finais e, por fim, as referências bibliográficas.

2. O modo subjuntivo na tradição gramatical

Na tradição gramatical, constatamos que os gramáticos Cunha e Cintra (2001), Bechara (2004) e Almeida (2009) consideram os modos indicativo e subjuntivo como uma oposição binária relacionados respectivamente a fatos certos e incertos.

A esse respeito, Perini (1998) opina que a distinção entre “certeza” e “incerteza” não desempenham um papel fundamental e suficientemente esclarecedor para determinar o emprego desses modos. Por exemplo, podemos retomar, aqui, a definição do modo verbal posto por Kury (1964, p. 71): “Indicativo (em que assegura um fato); Subjuntivo (em que se enuncia um fato com dúvida); Imperativo (em que queremos que um fato se dê)”. Apesar dessa explicação, o próprio gramático reconhece que

a definição de modo verbal tem um valor relativo quando tentamos analisar o futuro do indicativo, como pode ser verificado nas seguintes construções apresentadas por ele: “1) Ela chegará hoje? 2) Não matarás. 3) Discordarão alguns desta orientação”. (KURY, 1964, p. 71)

No primeiro exemplo, o modo indicativo pode expressar dúvida; na segunda frase, ordem e, na terceira, possibilidade. Como compreender essa fluidez dentro da tradição gramatical? Já que não encontramos nos compêndios gramaticais uma razão lógica nos seus fundamentos para explicar algumas situações do uso do subjuntivo, buscamos, então, entender a variação desse modo verbal pelo viés da teoria Sociofuncionalista, analisando, assim, fatos reais da língua em pleno uso.

2.1. A modalidade *irrealis*

A modalidade *irrealis* é uma categoria muito importante no estudo do subjuntivo, porque, segundo Givón (2001), este modo verbal está inserido no contexto *irrealis*. A modalidade emerge na interação, ou seja, é de base comunicativa e definida por ele como a atitude do falante no que se refere à proposição epistêmica (probabilidade, verdade, certeza) e deôntica (manipulação, preferência, obrigação).

Segundo o autor, o submodo epistêmico associa-se ao eixo semântico de verbos de baixa certeza e o submodo deôntico relaciona-se ao escopo de verbos de fraca manipulação. A integração entre a oração nuclear e a oração adjacente depende das propriedades inerentes ao valor semântico do verbo da matriz.

Muitos estudos da literatura linguística, a exemplo de Carvalho (2007), Lima (2012) e Pimpão (2012), atestaram que o valor semântico do verbo da matriz exerce influência na conexão sintática entre as cláusulas condicionando o uso de formas do subjuntivo nas estruturas de complementação.

Na presente pesquisa, à luz dessas questões, analisaremos através dos valores semânticos dos verbos em quais categorias de verbos se emprega mais a forma subjuntiva.

3. *O funcionalismo e a sociolinguística: teorias em diálogo*

Exposta a perspectiva de estudo que guiará a nossa pesquisa, nessa seção, elencaremos sucintamente aspectos teóricos da sociolinguística e do funcionalismo considerados relevantes para discussão que apresentaremos.

A sociolinguística e o funcionalismo constituem teorias que se unem por reconhecerem a heterogeneidade da língua e por priorizarem seu uso real como ponto basilar para explicar processos de variação e mudança. Essa interface entre as teorias e a articulação dos seus princípios recebe a denominação de Sociofuncionalismo.

Diante dessa aliança entre as teorias, propomo-nos à integração dos seguintes pressupostos: na perspectiva funcionalista, as noções de marcação, a modalidade na visão givoniana e três dos cinco princípios de gramaticalização estabelecido por Hopper (1991): estratificação, divergência e persistência. E, na visão sociolinguística, nossa análise se centrará na correlação dos fatores de ordem extralinguística (variáveis sexo, faixa etária e nível de escolaridade).

A respeito do princípio da marcação, Givón (2011) estabelece os seguintes critérios: (1) a variante mais marcada tende a exibir maior complexidade estrutural em relação ao padrão neutro (estrutura não-marcada) – Critério da *complexidade estrutural*; (2) a estrutura marcada apresenta uma distribuição de frequência menor em relação ao padrão neutro – critério da *restrição distribucional*, (3) a variante mais marcada é cognitivamente considerada mais complexa em relação ao padrão neutro – critério da *complexidade cognitiva*.

Em relação à modalidade, seu conceito se baseia na visão givoniana entendida como a atitude do falante no que se refere à proposição epistêmica e deontica.

No tocante ao princípio de gramaticalização, a estratificação se torna relevante para a pesquisa, porque esse princípio está relacionado à concomitância de formas que codificam uma mesma função. Podemos reconhecer esse princípio no estudo do modo subjuntivo quando ocorre a alternância das formas indicativas e subjuntivas em contexto de subjuntivo.

Pensamos na divergência como o processo de gramaticalização da forma variante (o modo indicativo) com a permanência na língua de sua forma primeira (a forma subjuntiva). E, no princípio da persistência, per-

cebemos o valor de subjuntivo que permanece, mesmo com a alternância com a forma indicativa.

Mediante a junção dos preceitos mencionados entre as vertentes teóricas, estamos certos de que isso nos permitirá a ampliação na compreensão e análise do nosso fenômeno linguístico. Diante disso, assumimos a possibilidade da associação entre essas teorias, mostrando isso a partir de algumas semelhanças entre os seus aportes teóricos e metodológicos, como também, através do diálogo entre o trabalho realizado por Tavares (2003), que dedicou, em sua tese, um capítulo sobre o que ela denomina de casamento entre a sociolinguística e o funcionalismo.

Revisitando os aportes teóricos e metodológicos do funcionalismo e da sociolinguística, podemos encontrar algumas semelhanças que nos possibilitam um diálogo entre essas teorias, como veremos a seguir.

Camacho (2001) nos diz que nas bases dos postulados da Sociolinguística, a variação é inerente ao sistema linguístico. Essa convicção de que a língua passa por um processo de alteração constante no sistema linguístico também é encontrada na teoria funcionalista na afirmação de Givón (2011, p. 17): “a língua muda constantemente”.

Mollica (2007, p. 9), ao falar sobre a variação, expressa que a Sociolinguística “estuda a língua em uso no seio da comunidade de fala”. O funcionalismo, por sua vez, “procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso”. (CUNHA, COSTA & CEZÁRIO, 2003, p. 29)

Outro princípio preconizado pela Sociolinguística, parte do pressuposto “de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais” (MOLLICA, 2007, p. 10). Na hipótese funcionalista, também, observamos essa semelhança quando essa teoria considera que há “uma relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de comunicação”. (MARTELOTTA, 2011, p. 55-56)

Essas são apenas algumas semelhanças que podemos encontrar entre o funcionalismo e a sociolinguística. Podemos resgatar Tavares (2003) e encontrar outros exemplos, a saber: (i) a mudança linguística ocupa uma posição de destaque e pode ser compreendida como um fenômeno contínuo e gradual; (ii) a prioridade que se atribui à língua em uso é afim nas duas teorias e (iii) os dados sincrônicos e diacrônicos não são tomados de maneira indissociáveis no estudo linguístico.

Apesar de tantos pontos em comum entre o funcionalismo e a sociolinguística, por se tratar de teorias distintas, em termos de princípios e metodologia, as semelhanças entre elas, por vezes podem se dar de maneira superficial. Reconhecemos que alguns tópicos são inconciliáveis quando se trata de teorias distintas. Nesse caso, aspiramos das palavras de Oliveira (1999) quando expressa ser possível a construção de coerências diante das diferenças, porque podemos compreender “os termos de uma teoria na linguagem da outra”, (OLIVEIRA, 1999, p. 11), surgindo, então, uma linguagem comum. Seria um diálogo entre as diferenças existentes entre alguns conceitos incompatíveis entre elas.

E, como Tavares (2003) enuncia, nesse processo de diálogo, ocorrerá uma espécie de negociação, interpretação e adaptação entre os pressupostos teórico-metodológicos até se tecer uma conversa compreensível, na qual cada um terá clareza do seu lugar, ou seja, da diferença existente em relação ao outro, para, por fim, o casamento ser constituído de fato e o sociofuncionalismo ser gerado.

4. Procedimento metodológico

Os dados para a pesquisa foram extraídos do *Corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista (*Corpus PPVC*), constituído pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e pelo Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – CNPq. A amostra foi constituída por 24 informantes com as seguintes dimensões de estratificação: gênero/sexo (masculino/feminino), faixa etária (Faixa I: de 15 a 25 anos; Faixa II: de 26 a 50 anos; Faixa III: com mais de 50 anos de idade) e grau de escolaridade (sem escolaridade ou até 5 anos de escolarização). Os dados foram codificados e submetidos ao programa estatístico GoldVarb.

A variável dependente constitui-se da relação da alternância entre os modos indicativo e subjuntivo em orações completivas introduzidas pelo *complementizador que*.

4.1. As variáveis independentes

Nesta subseção, trataremos dos fatores linguísticos e extralinguísticos que podem estar condicionando a variação do modo subjuntivo.

Para a nossa pesquisa, elegemos as seguintes variáveis linguísticas controladas para análise dos dados: (i) tipo de oração; (ii) variável moda-

lidade na oração matriz; (iii) variável tipo de verbo da oração matriz; (iv) variável estrutura da assertividade da oração; (v) variável tempo verbal da oração principal; (vi) variável tempo verbal da oração completiva e (vii) variável pessoa do verbo da oração matriz. Em relação os fatores extralinguísticos controlados, selecionamos as variáveis: (i) gênero/sexo, (ii) faixa etária e (iii) nível de escolaridade.

O fator sexo está sendo utilizado nessa pesquisa a fim de compreendermos até que ponto essa variável está relacionada à variação do modo subjuntivo. O uso da variável faixa etária mostra-se relevante nessa pesquisa, porque pode indicar em que índice ocorre a variação do modo subjuntivo e se está diretamente ligado a idade dos falantes. Tratar o fator nível de escolaridade se faz relevante para comprovarmos a hipótese de que o não uso do modo subjuntivo esteja relacionado ao menor índice de nível de escolaridade.

Na próxima seção, descrevemos, analisamos e discutimos os resultados da pesquisa a partir dos fatores linguísticos e extralinguísticos propostos.

5. Análise dos dados

Nesta seção, temos o objetivo de apresentar os resultados percentuais e probabilísticos gerais do uso variável do modo subjuntivo na fala de Vitória da Conquista. Após a rodada no programa GoldVarb, os seguintes grupos de fatores foram selecionados: (i) variável estrutura da assertividade da oração e (ii) variável tipo de oração matriz.

Como dizem Guy e Zilles (2007, p. 185) “parar depois da primeira rodada, porque o grupo não foi selecionado como significativo, implicaria perder uma descoberta muito interessante”. A fim de entendermos o motivo de nenhuma variável social ter sido selecionada, à semelhança de Pimpão (2012), analisamos o uso do modo subjuntivo por informante e notamos que a realização mais produtiva desse modo verbal estava na fala de (M. J. P. S.)⁶. Realizamos, então, uma segunda rodada, e, excluindo essa informante, a variável nível de escolaridade foi selecionada.

Na nossa amostra tivemos um total de 87 ocorrências com os

6 A informante é mulher, pertence à faixa etária II, com grau de escolaridade - 3ª série. A informante realizou um total de 15 ocorrências com o uso da forma subjuntiva.

seguintes percentuais discriminados na tabela 1, a seguir:

Formas
Subjuntivo
54 (62%)
Indicativo
33 (38%)
Total 87

Tabela 1: Variação do subjuntivo em orações completivas

Os resultados dessa pesquisa mostram que, de um total de 87 (oitenta e sete) ocorrências detectadas no *Corpus* PPVC em que se prescreve o uso do modo subjuntivo, registram-se 54 (cinquenta e quatro) ocorrências de formas do subjuntivo em contexto de subjuntivo perfazendo um total de 62% e 38% na forma indicativa em contexto de subjuntivo. Vejamos o seguinte excerto de fala:

(1) Ele disse: “[...] eles não quê0 que eu BANHE aqui no colo. Qué0 que eu VÔ...VÔ pá casa de seu Hercilo ou pá casa de Amorim”. (E. L. C.)

Observamos, nesse excerto de fala, o uso da forma subjuntiva na primeira estrutura de complementação o que indica, no valor desse modo, incerteza do fato expresso segundo prescreve a gramática normativa. No entanto, na segunda oração subordinada, tem-se outra forma - o indicativo - que constitui uma espécie de estratificação do subjuntivo, em termos funcionalistas ou de variação do modo subjuntivo, em termos da sociolinguística. O que podemos observar, nessa amostra de fala, é que, na segunda oração completiva, o uso do modo indicativo não revela um fato real, conforme prescrito tradicionalmente, mas mantém o valor nocional de incerteza mesmo sem o uso da forma subjuntiva.

Um ponto pertinente discutido na teoria funcionalista e na teoria sociolinguística que nos ajuda a entender esse processo de estratificação/variação do modo subjuntivo está atrelado ao reconhecimento de que existem forças internas e externas à língua, fazendo com que a língua passe por um processo de variação/mudança constante no sistema linguístico.

Evidenciamos que a forma subjuntiva ainda é a mais frequente e a mais comum no *Corpus* PPVV, perfazendo um total de 62% quando comparada com sua forma variante (38%). Segundo a visão givoniana, uma forma quando muito frequente mostra-se inexpressiva no discurso fazendo com que o falante busque outras maneiras para se expressar. Seguindo as básicas lições funcionalistas, aprendemos que essas diferentes

formas linguísticas resultam de fatores motivacionais de uso que estão atreladas às necessidades de comunicação.

Esses fenômenos linguísticos que surgem nos contextos reais de comunicação podem passar pelo processo de gramaticalização. No caso do subjuntivo, esse processo pode ser posto da seguinte maneira: o uso frequente e gradual de formas do indicativo em contexto de subjuntivo, com o tempo, adquire função gramatical.

Sendo assim, emparelhamos essa discussão com a noção de marcação como um condicionador do uso variável do subjuntivo já que esse princípio, entre outros subprincípios, tem uma relação com a questão da frequência de uso de uma dada forma.

No tratamento variável do subjuntivo, no qual ocorre a alternância das formas indicativas e das formas subjuntivas, este modo verbal se constitui o modo não marcado em nossa amostra de análise. Dito isto, podemos afirmar que o uso do modo subjuntivo no *Corpus* PPVC, quando analisado ao lado da sua forma variante, apresenta as seguintes características: não marcado, pois apresenta um contexto de ocorrência maior (62% – sessenta e dois), com menos complexidade estrutural e menos complexidade cognitiva. Salientamos aqui, que, segundo a visão givoniana, uma mesma estrutura pode apresentar-se marcada em um contexto e não marcada em outro, porque esse processo deve ser explicado baseado em fatores comunicativos, socioculturais e cognitivos.

O modo subjuntivo, por se constituir a forma não marcada, pode, consoante a visão givoniana, sofrer erosão de uma maneira mais fácil. É necessário frisar que a emergência da nova forma – o indicativo em contexto de subjuntivo – não acarreta, necessariamente, o desaparecimento da forma mais antiga – modo subjuntivo – e, então, neste momento, tomamos a posição de acionar três dos cinco princípios estabelecidos por Hopper (1991) para entendermos os estágios e graus de gramaticalização pelos quais o subjuntivo pode passar: estratificação, divergência e persistência.

Para Hopper (1991), o princípio da estratificação em relação ao nosso fenômeno linguístico, ocorre da seguinte maneira: dentro de um mesmo domínio funcional, a forma indicativa surge como uma nova camada que marca a função que é exercida pela forma mais velha – a forma subjuntiva. Ou, em uma linguagem da teoria da sociolinguística: as formas variantes do modo subjuntivo podem coexistir, permanecer com funções semelhantes como podem ser evidenciados nos seguintes frag-

mentos de fala:

(2) [...] aí ele falou bem assim: Tu quer [nem] **que** eu **VÁ** arrumar pra tu? [...]. (E. S. P.)

(3) [...] ele falou assim: “Quer **que** eu **VÔ** com você?” (E. F. O.)

O verbo *ir* em (3) mantém o mesmo valor nocional de incerteza do fragmento de fala em (2) mesmo com o emprego da forma indicativa *vou*. Essa forma variante do verbo *ir* (**vô**) pode passar pelo processo de gramaticalização, mas a sua forma mais antiga (**vá**) pode se manter como um item autônomo, processo conhecido como divergência. E, se o valor de subjuntivo permanece, mesmo que, no processo de alternância, a forma utilizada seja a forma indicativa, Hopper (1991) categoriza esse processo como princípio da persistência.

Sabemos que essa variação/estratificação ocorre porque o contexto comunicativo pressiona o sistema linguístico em virtude de uma necessidade de uso. Consequentemente, isso gera uma contínua remodelação ou reorganização das estruturas linguísticas e esses princípios estabelecidos por Hopper (1991) vêm trazer à luz a visão da gramática emergente, esclarecendo, assim, como esses processos e estágios da gramaticalização podem ser compreendidos. Prosseguindo nesse diálogo a fim de entendermos esse processo de variação/estratificação no uso do modo subjuntivo no *Corpus* PPVC, apresentamos, na próxima subseção, alguns resultados de análise a partir da seleção das variáveis linguísticas e extralinguísticas.

5.1. Resultados das variáveis linguísticas

A variável tipo de oração matriz, a variável estrutura da assertividade da oração e a variável nível de escolaridade foram selecionadas pelo programa GoldVarb.

5.1.1. Resultado da variável tipo da oração matriz

A nossa hipótese seria a de que o valor semântico da oração matriz exerceria uma força entre a integração das cláusulas, isto é, o verbo da oração matriz condicionaria a seleção do modo verbal na estrutura de complementação. O resultado probabilístico desse grupo de fator está discriminado na tabela 2:

Tipo de verbo na matriz	Subjuntivo			Indicativo		
	Nº	%	P.R	Nº	%	PR
Volitivo	32	65	.562	17	35	.438
Existencial	2	67	.514	1	33	.486
Outros	2	67	.514	1	33	.486
Cognitivo	9	39	.367	14	61	.633
Total	45			33		
Significância 0.008	Input 0.613					

Tabela 2:

Atuação da variável tipo de verbo da oração matriz na variação do subjuntivo

Os nossos dados evidenciam que o uso do subjuntivo é favorecido sob o escopo de verbos volitivos com percentual de 65% e peso relativo de .562. Esses verbos se mostraram os mais produtivos na amostra analisada com um total de 49 ocorrências. Os verbos existenciais com um total de 2/3 apresentam um percentual de 67% e peso relativo de .514 seguidos de 2/3 de outros verbos (ser, ir), também, com percentual de 67% e peso relativo de .514. O uso do subjuntivo é desfavorecido sob escopo dos verbos cognitivos com percentual de 39% e peso relativo de .367.

Alguns trabalhos da literatura linguística também evidenciaram essa tendência do subjuntivo ser favorecido sob o escopo de verbos volitivos: Meira (2006) – 43%; Carvalho (2007) – 95%, P.R .98 e Pimpão (2012) – 95%, P.R .896. O trabalho de Vieira (2007), desenvolvido na cidade de Natal registra, também, que o subjuntivo é favorecido sob o escopo de verbos volitivos (41%) apresentando o maior índice nessa categoria em relação aos verbos emotivos (9,6%), de opinião (24,1%) e outros verbos (25,3%) em orações completivas introduzidas por *que*.

O resultado demonstrado pelo grupo de fator tipo de verbo na matriz atesta a nossa hipótese de que o valor semântico do verbo da matriz exerce influência na seleção do modo verbal na oração completiva. Dando sequência à análise dos dados, na próxima subseção, analisaremos a variação do modo subjuntivo no grupo de fator estrutura da assertividade da oração.

5.1.2. Resultado da variável estrutura da assertividade da oração

Tínhamos, como hipótese norteadora, a ideia de que o escopo da negação favoreceria o emprego do subjuntivo na estrutura de complementação. Os resultados evidenciados, na tabela 3, contudo, conduzem-

nos a outra direção.

FATORES	MODO VERBAL					
	S			I		
	subjuntivo		.R	indicativo		.R
	Nº	%		Nº	%	
Afirmação na matriz e na oração completiva	9	71	.565	20	29	435
Negação na matriz e afirmação na completiva	9	38	.277	5	71	723
Afirmação com negação na oração completiva	4	29	.185	30		815
Total						
Significância Input	0.008					
	0.613					

Tabela 3:

Atuação da variável estrutura da assertividade da oração na variação do subjuntivo

Os nossos dados revelam que as cláusulas que tinham o operador de negação desfavoreciam o uso do subjuntivo. Vejamos os resultados: o fator “Negação na matriz e afirmação na completiva” desfavoreceu uso do subjuntivo com o percentual de 38% e peso relativo de .277. O fator “Afirmação com negação na oração completiva” mostrou-se com o percentual de 29% e peso relativo de .185, também, desfavorecendo o uso desse modo verbal.

Em relação às asserções afirmativas, o percentual de 71% e peso relativo de .565 favoreceu o uso do subjuntivo. Com isso, concluímos que o escopo da negação não exerce influência no condicionamento de uso do subjuntivo no *Corpus* PPVC. Esses dados se contrapõem aos resultados encontrados por Carvalho (2007) que, ao analisar a variação do subjuntivo em função do tempo presente, atestou que as asserções negadas favoreceram o uso de formas do subjuntivo com os seguintes resultados: (i) negação na matriz/afirmação na encaixada com o percentual de 69% e peso relativo de .99; (ii) negação na matriz/negação na encaixada com 75% e peso relativo de .96 e (iii) afirmação na matriz/negação na encaixada com 26% e peso relativo de .73.

À semelhança dos resultados apresentados por Carvalho (2007), Pimpão (2012) comprovou que o escopo de negação, em qualquer tipo de oração, favorece o uso do presente do subjuntivo. Vejamos os resultados apresentados pela autora: (i) NEG + AF – com 69% e peso relativo de .755; (ii) (não) que (não) teve o uso categórico de formas do subjuntivo; (iii) não (é) (por) que (não) - com 50% e peso relativo de .562 e (iv) AF+

NEG/NEG+NEG – com 50% e peso relativo de .490.

Também Meira (2006), ao analisar o uso do subjuntivo em contexto de completiva, constatou que as asserções quando negadas, favoreciam o uso do subjuntivo com índice de 33% em relação ao percentual das asserções afirmativas (25%).

O fato do escopo da negação nas cláusulas não favorecer o uso do subjuntivo nas estruturas de complementação nos levou a retomar os dados para observar se tinham forças atuando conjuntamente para que as orações afirmativas fossem *locus propício* para o uso do subjuntivo.

Descobrimos que dos 49 dados de uso do subjuntivo em contexto de subjuntivo no *fator afirmação na matriz e na oração completiva* (Cf. tabela 3), 28 são construções com o verbo volitivo na oração matriz o que equivale a 57% de uso da forma padrão. Ao tratarmos do grupo de fator *tipo de verbo na oração matriz* (Cf. tabela 2), vimos que os verbos volitivos favorecem o uso do subjuntivo. Mediante isso, podemos afirmar que há uma inter-relação entre as asserções afirmativas e o tipo de verbo da matriz, que exerce, dessa forma, influência na seleção do modo verbal nas orações encaixadas.

5.2. Resultados das variáveis extralinguísticas

Nesta subseção, apresentamos os resultados da análise dos dados levando em consideração as variáveis extralinguísticas gênero/sexo, faixa etária e nível de escolaridade na rodada geral dos dados.

Apesar de somente a variável nível de escolaridade ter sido selecionada, tomamos o posicionamento de apresentar, também, os resultados percentuais e probabilísticos das variáveis sociais que não foram selecionadas pelo programa GoldVarb, porque como bem expressam Guy e Zilles (2007)

a abordagem que o pesquisador deve adotar em relação às questões de significância não é mecânica, jogando automaticamente no lixo os resultados não significativos e falando somente dos significativos; ao contrário, o pesquisador deve avaliar inteligentemente os resultados, e apresentá-los de maneira a fornecer o máximo de informação e iluminar mais o fenômeno. (GUY & ZILLES, 2007, p. 215)

Diante do exposto, optamos em trabalhar com todas as variáveis sociais. Na próxima subseção, analisamos os resultados da variável gênero/sexo.

5.2.1. Resultado da variável gênero/sexo em contexto de completiva

Os resultados da atuação da variável gênero/sexo estão evidenciados na tabela 4, abaixo.

MODO VERBAL	GÊNERO/ SEXO					
	Feminino			Masculino		
	Nº	%	P.R	Nº	%	P.R
Subjuntivo	26	61	.577	13	57	.359
Indicativo	17	39	.423	10	43	.641
Total	43			23		

Tabela 4: A atuação da variável gênero/sexo na variação do subjuntivo

Em termos percentuais, embora os dados revelem pouca diferença no uso da variante prestigiada entre a fala das mulheres e dos homens, podemos observar uma tendência do sexo/gênero feminino em utilizar mais a forma padrão com o percentual de 61% enquanto o sexo/gênero masculino tem uma produtividade de 57%.

Em termos probabilísticos, o peso relativo de .577 indica que o fator gênero/sexo feminino favorece o uso do subjuntivo comparado ao peso relativo de .359 referente ao gênero/sexo masculino.

Com isso, concluímos que, na comunidade de fala de Vitória da Conquista, a forma do subjuntivo mostrou-se mais recorrente entre falantes do gênero/sexo feminino do que entre os falantes do gênero/sexo masculino em contexto de completiva. Resultado que ratifica os princípios da Sociolinguística, nos quais a mulher possui uma tendência maior, obviamente, a depender do contexto, a apresentar mais cuidado na linguagem e a primar por usos de prestígio.

Na próxima subseção, analisaremos os resultados obtidos da variação do subjuntivo em relação à variável faixa etária.

5.2.2. Resultado da variável faixa etária em contexto de completiva

Como assinalamos na seção 4, esperávamos que o grupo etário mais jovem realizasse com maior frequência a forma do indicativo, corroborando, assim, para testarmos a hipótese levantada de que a variação do subjuntivo sinaliza uma mudança em progresso no *Corpus* PPVC. No entanto, os resultados a seguir não atestam a nossa hipótese.

MODO VERBAL	FAIXA ETÁRIA								
	Faixa I (15 a 35)			Faixa II (36-70)			Faixa etária III (+de 70)		
	Nº	%	P.R	Nº	%	P.R	Nº	%	P.R
Subjuntivo 10 Indicativo 7 Total 17 Significância 0.013	59 .509			1	5	594	18		
	41						14	6	445
	.491				5	406	32		
	<i>in</i> <i>put</i> 0.531			7			4		555

Tabela 5: Atuação da variável *faixa etária* na variação do subjuntivo

Analisando os resultados da tabela 5, referentes ao comportamento variável do subjuntivo entre os falantes da comunidade conquistense considerando a faixa etária, observamos que os maiores índices da forma inovadora se concentram na fala dos mais jovens (41%) e na fala dos mais velhos (44%). Isso somado ao fato da maior produtividade do subjuntivo se encontrar na Faixa intermediária (65% e P.R .594) sinaliza uma variação estável.

Diante desses resultados visualizados na tabela, podemos inferir que o fato de a faixa intermediária realizar em maior índice a forma de prestígio (65%) tem relação com às pressões sociais sofridas pelo indivíduo quando ele é inserido no mercado de trabalho, levando-o, dessa forma, ao uso da forma considerada de prestígio. Ao sair do mercado de trabalho, não mais sob pressões, o indivíduo deixa de monitorar seu comportamento linguístico fazendo com que entre em uma zona proximal de uso de variantes linguísticas de quando era jovem (LUCCHESI, 2012), justificando assim, os maiores índices do uso do indicativo em contexto de subjuntivo nas faixas I e III (respectivamente 41% e 44%). Na próxima subseção, daremos sequência à análise da variação do subjuntivo considerando a variável extralinguística nível de escolaridade.

5.2.3. Resultado da variável nível de escolaridade

O universo escolar tem o papel de preservar a língua padrão, por isso acreditamos que o indivíduo que teve contato com algum nível de instrução tenha uma tendência a utilizar mais a forma de prestígio. O resultado para esse grupo de fator está distribuído na tabela 6, abaixo.

Os nossos dados evidenciam que os informantes que tiveram até cinco anos de escolarização são os que mais utilizaram a forma padrão

com o percentual de 61% e peso relativo de .573. Com esses resultados, nossa hipótese de que os falantes que foram inseridos no universo escolar e tiveram contato com a aprendizagem formal, ainda que precária, produziram em maior índice enunciados utilizando formas do subjuntivo foi atestada.

MODO VERBAL	NÍVEL DE ESCOLARIDADE					
	Até 5 anos de escolarização			Sem escolaridade		
	Nº	%	P.R	Nº	%	P.R
Subjuntivo	28	61	.573	11	55	.336
Indicativo	18	39	.427	9	45	.664
Total	46			20		
Significância 0.001	input 0.528					

Tabela 6: Atuação da variável nível de escolaridade na variação do subjuntivo

Já os falantes sem escolaridade são os que menos utilizaram a forma padrão com o percentual de 55% e peso relativo (.336), indicando que esse fator desfavorece o uso desse modo verbal.

6. Considerações finais

Os dados de nossa pesquisa revelam que o subjuntivo é condicionado pelo valor semântico do verbo da oração matriz que exerce uma força de integração entre as cláusulas – principal e subordinada, constituindo, dessa forma, como uma força propulsora para a seleção do modo verbal na encaixada.

O escopo da negação nas asserções não é um fator que favorece o subjuntivo na completiva na amostra analisada, mas a maior produtividade desse modo verbal se encontra nas asserções afirmativas como ambiente favorecedor das formas subjuntivas.

Em consenso com a análise da variável gênero/sexo, os resultados do nosso estudo mostram que as mulheres tendem a fazer mais uso da forma de prestígio do que os homens. Esse fato tem uma relação com a inserção da mulher no mercado de trabalho que resulta no contato com diversos grupos sociais, influenciando, dessa forma, no seu comportamento linguístico.

Os nossos dados também revelam que a forma de prestígio se concentrou na faixa intermediária (adultos) e que a forma estigmatizada foi mais usada pelos jovens e idosos, sinalizando, dessa forma, uma variação estável.

Em relação à variável escolaridade, podemos depreender correlações significativas. Vimos que o acesso ao mundo letrado, ainda que precário, foi um fator que condicionou o uso do subjuntivo. A nossa pesquisa aponta que esse foi o elemento favorecedor para a aplicação da regra desse modo verbal na comunidade de fala de Vitória da Conquista. Fato que poderá ser melhor evidenciado em pesquisa futura no *Corpus* do Português Culto de Vitória da Conquista (*Corpus PCVC*).

O presente estudo revela, ainda, que o subjuntivo se mostrou como uma forma não marcada o que provoca uma cristalização dessa forma linguística fazendo com que, na interação do processo comunicativo, por razões motivacionais, o falante prefira utilizar a forma indicativa em alguns contextos, gerando uma variação/estratificação e, conseqüentemente, levando a um processo de gramaticalização desse modo verbal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 46. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001.

CARVALHO, Hebe Macedo de. *A alternância indicativo/subjuntivo nas orações substantivas em função dos tempos verbais presente e imperfeito na língua falada do Cariri*. 2007. Tese (de Doutorado). – UFCE, Fortaleza.

CUNHA, Angélica Furtado da; COSTA, Marcos Antonio; CEZARIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. In: CUNHA, Maria Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Eduardo Mário (Orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GIVÓN, Talmy. *Syntax a functional: typological introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1990.

_____. *Syntax: an introduction*, vol. 1. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

_____. *Compreendendo a gramática*. Natal: Edufrn, 2011.

GUY, Gregory R; ZILLES, Ana. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.

HOPPER, Paul J. On some principles of grammaticization. In: TRAU-GOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd. (Eds.). *Approaches to Grammaticalization: Focus on Theoretical and Methodological Issues*. v. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991, p. 17-35.

KURY, Adriano da Gama. *Pequena gramática: para a explicação da nova nomenclatura gramatical*. 9. ed. rev. Rio de Janeiro: Agir, 1964.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Trad.: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LIMA, Joana Angélica Santos. *O presente do subjuntivo na fala de Salvador: um estudo variacionista*. 2012. Dissertação (Mestrado). – UFMG, Belo Horizonte.

LUCCHESI, Dante. A teoria da variação linguística: um balanço crítico. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, vol. 41, n. 2, p. 793-805, maio-ago. 2012.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

MEIRA, Vivian. *O uso do subjuntivo em orações relativas e completivas no português afro-brasileiro*. 2006. Dissertação (Mestrado em linguística). – UFBA, Salvador.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

OLIVEIRA, Roberta Pires de. Uma história de delimitações teóricas: 30 anos de semântica no Brasil. *D.E.L.T.A.* vol. 15, n. especial, São Paulo, 1999.

PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. 3. ed. São Paulo Ática, 1998.

PIMPÃO, Tatiana Schwochow. *Uso variável do presente do presente no modo subjuntivo: uma análise de amostras de fala e escrita das cidades de Florianópolis e Lages nos séculos XIX e XX*. 2012. Tese (doutorado). – UFSC, Florianópolis.

TAVARES, Maria Alice. *A gramaticalização de e, aí, daí, e então: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo funcionalista*. 2003. Tese (doutorado). – UFSC, Florianópolis.

VIEIRA, Marta Mara Munguba. *Alternância no uso dos modos indicativo e subjuntivo em orações subordinadas substantivas: uma comparação entre o português do Brasil e o francês do Canadá*. 2007. Dissertação (Mestrado). – UFRN, Natal.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; Herzog, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad.: Marcos Bagno e Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.